

Histórias de escolas e de nós mesmos: o orkut como potência

*Alexsandro Rodrigues
Darlan do Carmo Ferreira*

Recebemos de Luana, professora da educação infantil, um *scrap* que dizia: *Vá ao meu Orkut, para que vocês possam ver e conhecer um pouquinho de minha escolinha e de meus alunos!* Adoramos álbuns de fotografias. Antes disso, pausa para um pequeno comentário entre nós. *Interessante esse lugar posseiro, que assumimos ao falar de nossos espaços de trabalho e dos sujeitos nos ajudam a reinventar esse lugar. Fica parecendo que de tão familiar que nos é a escola, acabamos por tê-la e seus sujeitos como nossos e, por serem nossos, queremos dar visibilidade e assumirmos autorias ao que lá acontece.*

Curiosos com o convite, colocamos-nos a vasculhar seus álbuns de fotografias e a tecer elucubrações sobre seus alunos, sobre os saberes docentes que em imagens permitia-nos pensar o trabalho daquela professora que, encantada com a arte de *ensinaraprender*, produzia visibilidade há uma prática carregada de potencialidades e expectativas.

Aos nossos olhos julgadores, suas ações colocadas à disposição/exposição, referendadas por histórias de escolas com as quais nos construimos como sujeito de certo tipo, ganharam credibilidade e aguçaram a nossa curiosidade. Vimos a exposição de fotografias do trabalho de Luana, de forma potente e aberta a parcerias e solidariedades. É sabido que com outras lentes, esses trabalhos postados permitem e produzem múltiplas leituras, e não somente a desejada pela autora. O *Orkut* vem se tornando *espaçotempo* de encontros. No espaço *Orkut*, redes de solidariedades e amizades vão sendo (re)construídas, configurando um espaço de possibilidades infindas.



Quem não está tão próximo desse *fazersaber*, que nos enreda como fios em redes educativas, pode não conseguir produzir os mesmos sentidos para as atividades postadas on-line, onde encontramos experiências de diversos professores conectados à rede através desse site de relacionamento. A credibilidade desses trabalhos pode ser (re)afirmada ou contestada nesse espaço on-line. Por ser um lugar de conversas, o *Orkut*> nos permite pensar e (re)pensar o cotidiano escolar.

A partir do convite feito por Luana, começamos a enxergar o *Orkut* como lugar onde os docentes podem expor suas experiências e se reconhecerem como fios de redes de conhecimentos. Por não refletirmos a potencialidade desse instrumento, até então, seu uso era mera forma de entretenimento.

Sem pretensão de esgotar uma temática tão promissora, que é a visibilidade de *saberes-fazer* docentes pela lógica do *Orkut*, buscamos aqui anunciar possibilidades conversantes com a pesquisa em educação e com nossas histórias *docentes*. Assim ensaiamos essa escrita, provocados a prestar atenção nos usos que temos feito desse instrumento e no que estamos nos transformados com essa inusitada experiência que os usos das tecnologias nos proporcionam. Para além dos *flashs de aula*, do que nos é interessante tornar público, estamos percebendo que o *Orkut* tem funcionado como espaço aberto à contestação, negociação, documentação e criação de desejos.

Desta forma, começamos um processo de pesquisa por *orkuts* de professores, que integram nossas redes de amizades. No *Orkut* da professora sindicalista Claudemira percebemos, em suas imagens, forças que sintetizam as várias vozes de professores que não se conformam com o descaso da atual situação da educação do Estado de Minas Gerais, quiçá do Brasil.



Neste ir e vir de imagens e textos que nos contavam histórias de escola e de nós mesmos, percebemos que nossos *Orkuts* estão repletos de cenas do cotidiano escolar e das histórias que quisemos contar. Atraídos pelo que sempre esteve aqui, uma aula de campo do professores Darlan e Nina, nos chamou atenção. Estes professores, sendo um deles co-autor desse texto, instigados a produzirem saberes com outros sabores, atentaram por perceber, a partir de um saber de *experiência feito*, que a realidade tão distante dos livros didáticos e dos discursos educacionais poderia ser vivida ao praticarem o espaço e a história da região, tomando por referência o Mirante da Cidade. Na mais íntima relação com o lugar e com as histórias desse lugar, e sem controle do que lá poderia acontecer, se lançaram na aventura do caminho. *Pudemos por alguns momentos viver outros sentidos da escola, de histórias de vidas do lugar e sua gente.* Como o nosso espaço de escrita não nos permite continuarmos avançando nesse fascinante desejo de escrever, escrevendo-nos, deixamos pistas para novas aventuras de pesquisa, estranhamento e encantamento.

Como tudo isso é pouco, registramos nos limites de uma máquina digital a magia e a singularidade de nossas existências docentes com a escola e com a educação. Convite: Visitem Orkuts de professores, neles podemos encontrar histórias das muitas escolas e dos muitos professores que somos e seremos.



REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda. (Org.). Criar currículo no cotidiano. São Paulo: Cortez, 2002.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

LAROSSA, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

sobre o(a) autor(a):

Alexsandro Rodrigues: Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Darlan do Carmo Ferreira: Professor da rede estadual de Minas Gerais.